BOLETIM

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP







Ano XXXIV nº 1481 | 08/07/2019 a 14/07/2019

Tiragem desta edição 26.000 exemplares



A ECONOMIA

Estudo da FAEP comprova a importância da agropecuária na geração de riquezas nos 399 municípios do Paraná

sistemafaep.org.br

Aos leitores

O agronegócio como a principal locomotiva da economia do Paraná sempre foi de conhecimento coletivo. A participação do setor agropecuário no Produto Interno Bruto (PIB) do Estado permite essa avaliação. Mas, até então, não havia um trabalho mais detalhado, minucioso, que colocasse uma lupa sobre esse cenário.

Agora o quadro é outro. A partir de uma estudo recém-elaborado pelo Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP é possível dimensionar o real peso que o campo tem em cada uma das 399 cidades do Paraná. O trabalho, que está detalhado na matéria de capa deste Boletim, permite a conclusão, entre outras, de que a produção agropecuária representa mais da metade das riquezas geradas em 234 municípios. Ou seja, quase 60% das localidades têm no meio rural a mola propulsora da economia, inclusive urbana. Afinal, safra cheia e animal engordando resultam em dinheiro girando em todos os setores da economia.

Mas, esse estudo permite outras conclusões ainda mais importantes. Diante do peso do campo na economia, as administrações estadual e municipais têm o dever de investir parte considerável da arrecadação em melhorias diretas para o agronegócio. Porém, infelizmente, muitas vezes não é isso que acontece nas cidades paranaenses. A nossa torcida é que, após a leitura deste Boletim, o olhar de muitos governantes mude, valorizando mais quem gera riquezas para o Paraná.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | Vice-Presidentes: Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldatto, Ivo Pierin Júnior, Valdemar da Silva Melato e Nelson Natalino Paludo | Diretores Secretários: Livaldo Gemin e Mar Sakashita Diretor Financeiro: Paulo José Buso Júnior | Conselho Fiscal: Sebastião Olimpio Santaroza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | Delegados Representantes: Ágide Meneguette, Julio Cesar Meneguetti e Mario Aluizio Zafanelli

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | Membros Efetivos: Marcos Junior Brambilla - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Nelson Costa - OCEPAR | Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santaroza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto

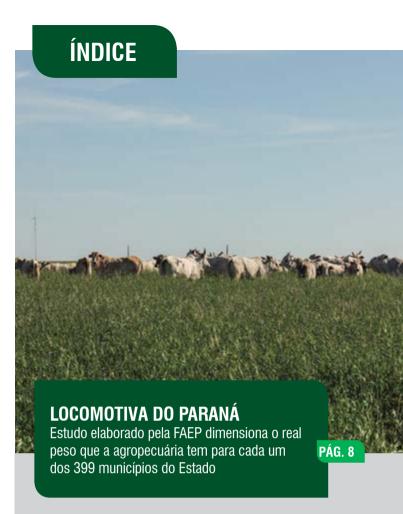
BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | Redação e Revisão: André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felippe Aníbal Projeto Gráfico e Diagramação: Fernando Santos, Robson Vilalba e William Goldbach Contato: imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1481:

Fernando Santos, Milton Doria, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.



LEI KANDIR

Extinção da legislação irá comprometer a competitividade do Brasil no exterior e a renda do produtor rural

Pág. 4

ANÁLISE

Acordo entre Mercosul e União Europeia irá zerar a tarifa de boa parte dos produtos agropecuários

Pág. 7

JAA

Gincana técnica reuniu 300 alunos do programa para testar o aprendizado por meio de provas específicas

Pág. 18

EMPREENDEDORISMO

Produtores buscam conhecimento em cursos do SENAR-PR para abrir seus próprios negócios

Pág. 20

TENDÊNCIA

Brasil registra alta na exportação de suínos e aves, com perspectiva de ritmo firme no segundo semestre

Pág. 24

Sanidade para aproveitar oportunidades

Em reunião da
Comissão Técnica,
produtores
debateram
importância de ter
sistema sanitário
robusto para estar
pronto para atender
novos mercados

A China e outros países asiáticos vêm enfrentando problemas sanitários com a Peste Suína Africana (PSA), o que tem feito aumentar a demanda da carne suína brasileira (leia mais na página 24). O Paraná também se beneficia dessa situação. Mas isso só é possível graças ao esforço que os produtores dedicaram nas últimas décadas para construir um sistema sanitário robusto. Essa é a conclusão dos participantes da reunião da Comissão Técnica de Suinocultura da FAEP, realizada no dia 4 de julho, na sede da entidade, em Curitiba.

Reny Gerardi de Lima, presidente da Comissão Técnica de Suinocultura, mencionou que esse cenário é positivo atualmente, mas que é preciso manter o foco em uma estruturação cada vez mais sólida da cadeia produtiva paranaense. "Claro que esse momento é importante para nós. Mas, temos que perseguir a sustentabilidade do negócio, não viver se levantando de tombo em tombo. Um sistema sanitário robusto é fundamental. Sanidade não tem fronteira", enfatizou.

Antônio Poloni, consultor da FAEP, ratificou a importância de se perseguir uma melhor sanidade, que abre, por exemplo, portas como o novo acordo comercial entre União Europeia e Mer-



cosul (leia mais na página 7). "O acordo vem para valer. Eu, particularmente, esperava há muito tempo que acontecesse. É preciso lançar um esforço com um viés mais arrojado para consolidar essa aproximação, porque muito em breve vamos ser convidados a melhorar nosso portfólio", alertou.

João Humberto Teotônio de Castro, fiscal da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), tratou sobre pontos importantes do controle sanitário do Estado relacionado aos suínos. "As soluções, do ponto de vista de melhor controle sanitário, sempre estão relacionadas a uma cadeia mais organizada. Quanto mais sólida, melhor. O problema está sempre no precário, na cadeia desorganizada", disse.

Para lidar com esse cenário, Castro aponta ações imediatas nas granjas, e também na construção de novos marcos legais. "Hoje, temos problemas jurídicos que impedem de mexer em questões de criação de subsistência, não só aqui, mas no Brasil. Então é preciso que a cadeia pense em ações iniciais, de se fazer o que for possível nas propriedades para evitar problemas sanitários. E

também é preciso pensar em médio e longo prazo, promover mudanças legais que permitam rever essas questões", detalhou.

Javalis

Há ainda a questão da espécie exótica dos javalis, tema de uma mesa redonda, que contou com a presença de diversas entidades envolvidas com o controle desse animal. A espécie impõe riscos sanitários, ao meio ambiente e até mesmo à integridade física das pessoas que circulam no meio rural.

Estiveram entre os presentes na reunião Ana Lígia Lenat, da Confederação Nacional da Agricultura (CNA); João Humberto Teotônio de Castro, da Adapar; Jacir José Dariva, presidente da Associação Paranaense de Suinocultura (APS); Mauro de Moura Britto, do Instituto Ambiental do Paraná (IAP); e os subtenentes da 5ª Região Militar do Exército Cleison Julio Cavalheiro e Diones Junior Rempel. Também integraram a programação o economista da FAEP Luiz Eliezer Ferreira e a engenheira agrônoma do SENAR-PR Flaviane Medeiros.



Fim da Lei Kandir comprometeria competitividade do Brasil

Além disso, extinção da legislação deve encolher renda do produtor e impactar até no PIB do país

Por Felippe Aníbal

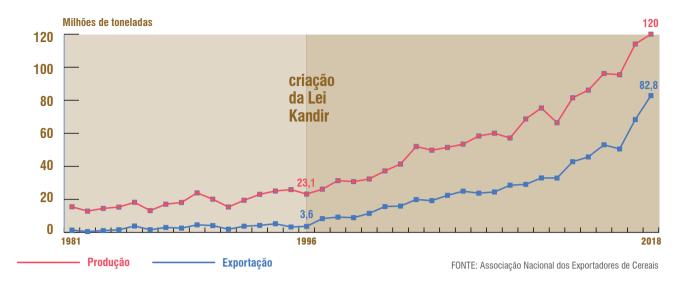
Desde o início do ano, a Lei Kandir, que isenta de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) a exportação de produtos primários, está sob mais uma ameaça de extinção. De matriz neoliberal, o ministro da Economia, Paulo Guedes, já havia anunciado que a lei "morreu". Agora, o novo texto da Reforma da Previdên-

cia prevê formalmente o fim desta norma. Uma série de estudos técnicos e levantamentos feitos com base em dados oficiais, no entanto, emitem um alerta: a revogação da iniciativa seria desastrosa não só ao agronegócio, mas ao próprio país. Entre os efeitos colaterais, estão o desequilíbrio da balança comercial, perda da competitividade internacional, encolhimento da renda de produtores, além da queda do Produto Interno Bruto (PIB).

Aprovada em 1996, a Lei Complementar 87/96, que posteriormente passou a ser conhecida como Lei Kandir, foi criada durante o governo de Fernando Henrique Cardoso para estimular exportações e reduzir o chamado "Custo Brasil". Deu certo. O mecanismo criou um ambiente tão favorável que, em duas décadas, as vendas externas do agronegócio aumentaram mais de 480%. A balança co-



Evolução da produção e exportação de soja no Brasil



mercial brasileira deficitária em 5,5 bilhões de dólares em 1996, atingiu um superávit de 58,6 bilhões de dólares em 2018, graças às exportações do agronegócio.

Um dos principais exemplos é o da soja. Desde que a Lei Kandir começou a vigorar, a produção da oleaginosa avançou 421%, chegando a 23,1 milhões de toneladas, no ano passado. Esse aumento na produção foi puxado pelas exportações, que decolaram de forma ainda mais significativa: incríveis 2.200%. Segundo a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec), este mercado movimenta R\$ 40 bilhões por ano.

"A Lei Kandir veio em um momento em que havia necessidade de se oportunizar aos produtores competitividade no mercado internacional. A lei criou esse estímulo, que impulsionou a produção. Hoje, nós temos um volume de produção que depende da exportação. A lei tem papel determinante nesse cenário", define o economista Jefrey Albers, coordenador do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da FAEP.

Consequências

O fim da Lei Kandir interferiria também na competitividade internacional, pesando contra os produtores brasileiros. A volta da incidência de ICMS sobre a exportação de produtos primários traria impactos, de cara, a itens negociados em bolsas de valores, como a carne suína e a celulose, por exemplo. O repasse de ao menos parte do custo dos tributos praticamente tiraria os produtos brasileiros do jogo, dando vantagem absoluta a competidores estrangeiros.

No caso da carne suína, por exemplo, se o peso da tributação fosse incorporado ao preço do produto, o Brasil perderia espaço para seu principal concorrente externo, os Estados Unidos. Hoje, os brasileiros exportam à Hong

Impacto na carne suína

Veja qual seria a evolução dos preços da carne suína exportada a países do Oriente e como isso reduziria a competitividade brasileira				
Destino	Preço hoje (US\$/Ton)	Preço com o fim da lei (US\$/Ton)		
Hong Kong	2.161	2.258		
China	2.114	2.474		

Principal concorrente	Preço do concorrente (US\$/Ton)
EUA	2.225

FONTE: CNA

Kong e à China, respectivamente, a um preço médio de 2.161 e 2.114 dólares a tonelada. Com o fim da Lei Kandir, a incidência dos tributos jogaria os preços da tonelada para 2.528 dólares para Hong Kong e 2.474 dólares para China. Neste caso, o preço norte-americano seria bem mais atrativo: 2.255 dólares por tonelada.

O que vai ocorrer é que, ou o produtor absorve essa diferença e vê sua renda encolher, ou repassa esse custo do ICMS ao consumidor final e perde competitividade. Em síntese, essa dinâmica pode simplesmente inviabilizar as exportações. "O aumento do preço de venda irá comprometer a competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional. Caso contrário, haverá uma redução nas margens dos exportadores, em alguns casos, inviabilizando as exportações", observa o economista Renato

Conchon, em nota técnica da Confederação Nacional da Agricultura (CNA).

No caso das commodities agrícolas com preços definidos em bolsas, a extinção da Lei Kandir também provocaria o estrangulamento da renda do produtor. Um estudo do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Universidade de São Paulo (USP) apontou que, no caso da soja, os preços pagos no Porto de Paranaguá sofreriam uma queda de 23% em 12 meses, afetando, principalmente, produtores da região Oeste do Paraná.

No caso da cana, os prejuízos também seriam bilionários, conforme um estudo da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Única). Segundo o documento, o fim da Lei Kandir provocaria uma perda de receita das destilarias e usinas da ordem de R\$ 6 bilhões por ano, com a redução de 17% no volume de exportações. Peso considerável recairia sobre as costas do produtor, que veria sua renda diminuir em 60%, gerando uma redução de R\$ 3,5 bilhões ao ano. Para a agroindústria, o estudo prevê uma redução de faturamento de R\$ 10 por tonelada processada, com perda de renda de R\$ 6 por tonelada para o produtor rural independente.

"Tanto para os produtos negociados em bolsa de mercadorias, quanto para outros produtos (carnes de aves e suínos, e até mesmo a de bovinos) não existe a possibilidade de haver um repasse aos compradores internacionais. Dessa forma, o aumento de custo será revertido na cadeia por meio da redução dos preços pagos aos produtores rurais", escreve Conchon, na nota técnica da CNA.

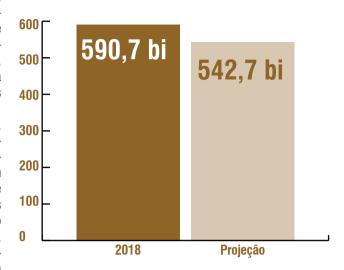
Diante deste cenário que beira o catastrófico, não é difícil imaginar que haverá reflexos nas próximas safras. Albers aponta que os produtores fazem todo seu planejamento de plantio com base na relação de oferta e demanda do mercado. Com isso, o economista da FAEP espera que um eventual fim da Lei Kandir provocaria um rearranjo da produção brasileira, com perspectivas de redução dos volumes produzidos.

"Se o mercado de determinado produto não é atrativo para o produtor, ele para de produzir ou migra para outra cultura que seja mais rentável. Isso acontecendo em grande escala, mudaria o 'desenho' que temos hoje", explica. "Ou seja, deve haver um rearranjo interno, com redução dos volumes de produção. O que o Brasil produz hoje não pode ser absorvido só pelo mercado interno", acrescenta.

PIB

A nota técnica da CNA leva em conta outra consideração importante: o peso das exportações para a geração de riquezas, medida pelo Produto Interno Bruto (PIB). Nos últimos 17 anos, as vendas externas representaram 11% do PIB — uma proporção ainda considerada pequena em relação a países desenvolvidos ou em desenvolvimento. O eventual fim da lei reduziria ainda mais a participação das exportações no PIB. A nota técnica da CNA cita o exemplo de países que criaram tributos de exportação — como a Argentina — e que, em decorrência disso, viram sua participação no mercado internacional reduzir significativamente.

Veja qual seria a projeção do Valor Bruto de Produção, caso a Lei Kandir seja extinta



Compensação

Além da inclinação neoliberal do ministro da Economia, governadores de vários Estados têm feito coro, pedindo o fim da Lei Kandir. Com a eventual extinção desta legislação, o governo espera reforçar o caixa com R\$ 83.9 bilhões em dez anos.

Segundo o Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), só em 2017, as unidades da federação deixaram de arrecadar R\$ 42,7 bilhões com as desonerações deflagradas pela lei. Como contrapartida, a norma previa que os Estados fossem compensados pela União, por meio de repasses proporcionais à participação de cada um. Ocorre que o governo federal raramente cumpriu essas compensações.

A nota técnica da CNA destaca, no entanto, que vários Estados promoveram "alterações substanciais em suas legislações estaduais com o objetivo de aumentar a arrecadação tributária". Tanto que desde que a Lei Kandir vigora, a arrecadação média de ICMS das unidades da federação aumentou 1.180%.

FONTE: CNA

"Devemos lembrar que o setor agropecuário representa 21% do PIB, emprega 32% da mão-de-obra e é responsável por 44% das exportações e que, uma possível revogação da Lei Kandir impactaria diretamente no agronegócio brasileiro", aponta a nota emitida pela CNA.

No caso específico da agropecuária, espera-se que haja a redução do Valor Bruto de Produção (VBP) — que afere as riquezas produzidas pelo setor. Segundo projeção da CNA, o índice — que fechou 2018 na casa dos R\$ 590,7 bilhões — sofreria redução de 8%, caindo a R\$ 542,8 bilhões em todo o país.



Negócios de 1 trilhão de reais em 15 anos

Acordo entre o Mercosul e a União Europeia zera a tarifa de importação de parcela importante dos produtos agropecuários



agropecuários enviados pelo Mercosul à União **Europeia serão zerados** proteção a setores que estejam sofrendo grave prejuízo em função do aumento das importações. A ideia é de que no pe-

81,8%

dos produtos

O tratado de livre-comércio entre o Mercosul e a União Europeia (UE) prevê reduzir e/ou zerar tarifas de importação e/ou exportação, eliminar outras barreiras, como sanitárias, fitossanitárias, burocráticas, e os custos nas transações. O acordo prevê ainda o estabelecimento de cotas para exportação para produtos agropecuários. O tratado irá entrar em vigor apenas após a ratificação do acordo nos parlamentos dos 28 países da União Europeia, além do Parlamento Europeu, e dos países que compõem o Mercosul (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai). A previsão é que isso ocorra em até 2 anos.

Em 10 anos, a União Europeia irá zerar as tarifas de importação de 92% dos produtos do Mercosul. No mesmo período, o Mercosul terá zerado a tarifa sobre 72% itens importados da União Europeia. Ou seja, os países europeus reduzirão suas tarifas para produtos importados do Mercosul de forma mais rápida, o que confere uma maior segurança competitiva aos países membros do Mercosul.

Na agropecuária, a União Europeia irá zerar a tarifa de importação de 81,8% dos produtos agropecuários enviados pelo Mercosul. Em contrapartida, no mesmo período, o Mercosul irá acabar com a tarifa de 67,4% dos produtos agropecuários importados da União Europeia. Mais uma vez, a agropecuária do Mercosul terá um prazo maior para a reduzir e/ou zerar as tarifas de importação de itens agropecuários europeus. Ainda, os membros do Mercosul terão mais produtos para envio com tarifa zero.

O acordo ainda prevê as chamadas medidas de salvaguardas, que tem por objetivo aumentar temporariamente a ríodo em que as medidas de salvaguardas estejam vigentes, o setor afetado se ajuste, aumentando sua competitividade.

Um ponto que merece atenção e acompanhamento é o chamado "princípio de precaução". Este item foi condição imposta pela União Europeia para o acordo, e prevê que os dois blocos podem barrar a importação dos produtos agrícolas caso sejam identificadas violações ao acordo, principalmente em aspectos socioambientais. Com o "princípio de precaução", a UE poderá barrar os produtos agrícolas brasileiros com base em critérios, até agora, arbitrários, em aspectos relacionados à saúde humana, animal ou vegetal e ainda referentes ao meio ambiente. Este princípio seria ativado sempre que riscos fossem detectados, mesmo não havendo análise científica.

O acordo comercial envolve 780 milhões de consumidores e PIB de 20 trilhões de dólares (25% do PIB mundial). Nos próximos 15 anos, a perspectiva é de que o fluxo de comércio, ou seja, importações e exportações entre o Mercosul e a União Europeia, alcancem R\$ 1 trilhão.

Tarifa zero

De forma imediata, os produtos brasileiros suco de laranja, frutas, café solúvel, peixes, crustáceos e óleos vegetais terão tarifas zeradas na União Europeia. Outros itens terão cotas com tarifa zero, ou seja, o volume que ultrapassar a cota estabelecida irá sofrer taxação.



Agro impulsiona economia no campo e na cidade

Levantamento elaborado pela FAEP aponta agropecuária como a maior fonte de geração de riquezas para munícipios paranaenses

Texto: Felippe Aníbal e Antonio C. Senkovski | Fotos: Fernando Santos





Não é de hoje que o agropecuarista Anselmo Coutinho Machado vive da terra. Nascido e criado no campo, há três décadas ele e sua família se fixaram em Pitanga, na região Centro-Sul do Paraná, onde mantêm uma propriedade de 270 hectares. Ali, se dedicam à pecuária integrada à agricultura – criam bovinos e produzem soja. O trabalho familiar também gera emprego: são dois funcionários fixos. Produtores rurais como Machado se contam às dezenas no município. Não é para menos. A agropecuária é a atividade econômica mais importante da microrregião, respondendo por 58,3% do que Pitanga produz.

"[A agropecuária] é o motor da nossa economia e a nossa vocação. As indústrias estão na periferia das grandes cidades. Então, aqui na região central, o campo tem um significado muito importante. Se não é a agropecuária em si, são as cooperativas e as agroindústrias que puxam a economia", observa Machado.

A percepção do produtor rural vai ao encontro de um estudo recém-elaborado pelo Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, que dimensiona o real peso que o campo tem para cada um dos 399 municípios do Paraná. E o resultado é bastante expressivo: o setor primário (produção agropecuária) representa mais da metade das riquezas geradas em 234 municípios. Em 125 deles, a importância é ainda mais significativa: mais de 70% do que produzem provêm do meio rural.

O levantamento partiu do Valor Adicionado Fiscal (VAF), um índice apurado pela Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná que mede os recursos gerados por cada um dos setores da economia — agropecuária, indústria e comércio — em cada cidade. O indicador é usado pelo governo estadual para definir a cota que o município vai receber como repasse do ICMS arrecadado.

"Esse Valor Adicionado Fiscal é calculado com objetivo de verificar a geração de riqueza em cada município, nos três setores da economia. O índice mostra que, para a maior parte dos municípios do Paraná, a agropecuária é o setor que tem mais peso", ressalta Luiz Eliezer Ferreira, economista da FAEP.

CONFIRA O VÍDEO DA MATÉRIA É fácil! · Ligue a câmera do seu celular, aponte para o QR Code, acesse o link e assista; Caso n\u00e3o funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.

Ponto de partida

O trabalho realizado pela FAEP teve como ponto de partida um pedido do Sindicato Rural de Ivaiporã, que solicitou um diagnóstico do impacto econômico que a agropecuária exerce na cidade. Na ocasião, em conjunto com outras entidades rurais, o Sindicato participava das discussões do plano diretor do município, mas percebeu que o setor estava sendo deixado de lado na elaboração de políticas públicas, sob o argumento de que o campo talvez não fosse tão importante para a comunidade local.

Os dados, no entanto, apontaram que o setor primário é responsável por mais de 42% das riquezas geradas em lvaiporã, o que corresponde a R\$ 165,6 milhões. "A partir desses números, a gente pretende cobrar o prefeito, no sentido de que olhe mais para o campo, que dê condições para que o homem do campo consiga formar suas agroindústrias e que tenha mais infraestrutura", diz o presidente do Sindicato Rural, Lourival de Góes.

Do grande ao pequeno

A importância fica ainda mais evidente em pequenos municípios, que dependem quase que exclusivamente do agronegócio. Ariranha do Ivaí, cidade de 2,5 mil habitantes, localizada no Norte-Central do Paraná, proporcionalmente é o nono município em que o campo tem mais peso. A produção rural representa 88,6% das riquezas geradas por ali. Em torno da agropecuária, gravitam a indústria e o comércio locais, com participações bem menores — respectivamente, de 6% e 5.4%.

Os números revelam o que os produtores rurais do município já sabiam na prática. O agricultor Renan Petrasse mora com a mulher e com os pais em uma propriedade de pouco mais de 200 hectares, da qual retiram o sustento. A família já chegou a se dedicar à pecuária leiteira, mas, após a análise do desempenho do negócio, decidiu se focar exclusivamente à lavoura. Hoje, plantam principalmente soja, milho e trigo.

"O que gira em Ariranha [do Ivaí] é a agricultura e a pecuária. Se não fosse o campo, a cidade estava morta. E não é só aqui. Nos municípios em volta também. Ivaiporã, Manoel Ribas... é tudo assim", aponta Petrasse.

Os pais de Renan, José Carlos e Rita de Cássia Petrasse, reconhecem há décadas a dependência que a cidade tem da produção agropecuária, em uma dinâmica que eles sabem decor: quando o campo vai bem, a cidade vai ainda melhor. "Se agricultura e a pecuária vão mal, os outros setores padecem. Se gear, acaba com o trigo e não tem dinheiro girando. O comércio pode até ter roupa de frio para vender, mas não tem quem compre. Todo mundo sofre, porque todo mundo depende da gente", exemplifica Rita de Cássia.

Engana-se quem pensa que a força se concentra nas mãos apenas de grandes produtores, cooperativas e/ ou agroindústrias. Como se vê, os pequenos e médios agricultores e/ou pecuaristas, perfil da maioria do setor no Paraná, também têm uma participação significativa na movimentação da economia e na geração de riquezas e de

Locomotiva do Paraná

Agropecuária puxa a economia em quase dois terços dos municípios do Estado

Valor Bruto de Produção dos principais setores agrícolas

Soja	R\$ 20,35
Frango - corte	R\$ 13,06
Milho:	R\$ 6,60
Leite bovino [:]	R\$ 5,91
Suínos - corte:	R\$ 3,78
Bovinos - corte:	R\$ 3,36
Cana de açúcar:	R\$ 2,71
Silagem e alimentação animal	R\$ 2,25
Serraria e laminadora	R\$ 1,95
Mandioca	R\$ 1,85









Fonte: Dera/ Elaboração DTE/FAEP

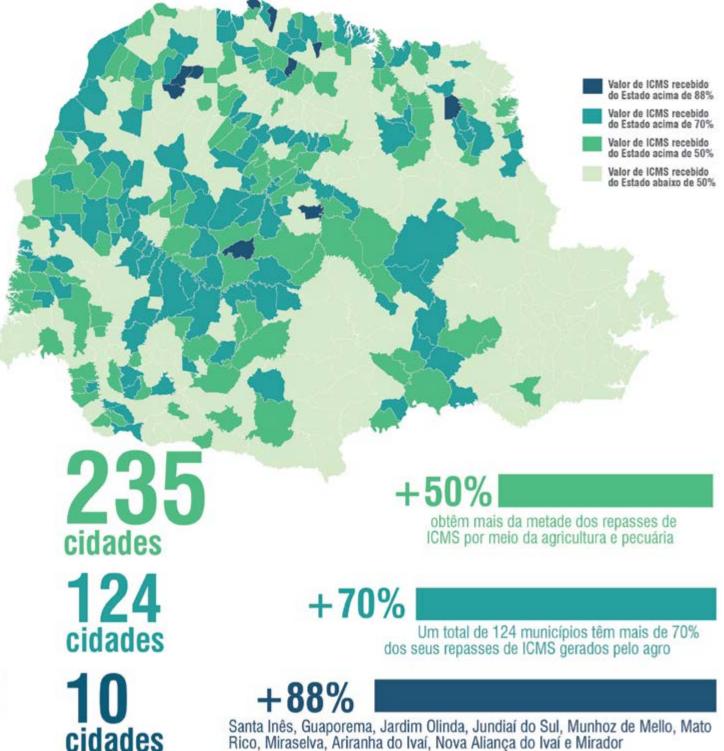
renda. Isso faz com que mais famílias tenham seu ganha-pão no campo, com culturas das mais diversificadas.

Este é o caso do agropecuarista Nilton Wendler, que mantém uma propriedade de cerca de 30 hectares, em Palmeira, nos Campos Gerais. Ali, cultiva uvas, com as quais produz vinho (com produção anual de cinco mil litros) e suco (três mil litros/ano). Também tem

um aviário com capacidade para alojar 21 mil frangos – que está parado porque a integradora interrompeu temporariamente os abates – e uma pequena lavoura de soja. Ele aponta que essa diversificação e a agricultura familiar são bastante importantes para a região.

"Cerca de 80% dos imóveis são pequenas propriedades, com até quatro módulos fiscais. Com isso, a pequena





Rico, Miraselva, Ariranha do Ivaí, Nova Aliança do Ivaí e Mirador

Fonte Receita Estadual/ Elaboração DTE/FAEP

propriedade tem uma importância muito grande para cidade, gerando riquezas. Hoje, temos diversas atividades no nosso município: leiteria, aviário, suinocultura, hortifrúti... Tudo que você possa imaginar", aponta. "Sem falar que a cidade ganha em qualidade de vida", acrescenta.

Toda essa diversificação é comprovada em outro indicador, o Valor Bruto

"Os números comprovam o que a gente vê no campo: somos uma potência"

Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR



da Produção (VBP), que afere o desempenho de cada segmento da agropecuária. Os dados mostram que em 2017 (números mais recentes) a agricultura paranaense gerou R\$ 41,9 bilhões, a pecuária rendeu R\$ 39,5 bilhões e o setor florestal, R\$ 3,8 bilhões.

O VBP aponta, ainda, a soja e o frango de corte como os itens produzidos mais significativos do Paraná – gerando, respectivamente, R\$ 20,3 bilhões e R\$ 13 bilhões. O índice, no entanto, comprova que a cesta de produtos do Estado é ampla e que cada item é bastante importante à economia. Do milho e do leite (que geraram cerca de R\$ 6 bilhões, cada), passando pelos suínos e bovinos de corte (com produção superior a R\$ 3 bilhões) até a mandioca (R\$ 1,8 bilhão). (Veja a lista na página 10).

"Estes números denotam a importância do setor primário para a economia do Paraná. O VBP é receita do setor, resultado da multiplicação do volume produzido pelo preço médio de mercado. Ou seja, a pujança do setor está justamente em produzir mais, pesando sempre na eficiência e sustentabilidade do negócio", diz Ferreira.

Agro gera um terço das riquezas do PR

O agronegócio é um alicerce fundamental para a economia do Estado. Especialistas no assunto estimam que um terço das riquezas geradas em terras paranaenses venham do campo, somando a producão em si e toda a movimentação que a atividade agropecuária promove nos setores primário, secundário e terciário. Isso quer dizer que, além do dinheiro movimentado com soja, milho, frango, suínos, leite e outros produtos, também são considerados nessa conta desde os insumos fornecidos aos produtores (fertilizantes, defensivos e etc.) até o processamento desses alimentos, transporte e comercialização, por exemplo.

"Temos aproximadamente 1 milhão de pessoas trabalhando na agricultura, e isso apenas da porteira para dentro. Imagine então se formos considerar o número de trabalhadores envolvidos nos frigoríficos, fornecedores de fertilizantes, dedicados à produção e comercialização de máquinas agrícolas. Por aí é possível termos uma dimensão

Lideranças atestam protagonismo do agro

Para lideranças do agronegócio do Paraná, a compilação de dados feita pela FAEP revela um cenário já consolidado há décadas. Afinal, não é de hoje que a agropecuária é responsável não só por colocar comida na mesa do brasileiro, mas também por ser um dos propulsores da economia, seja em pequenas, médias ou grandes regiões.

"A agropecuária sempre teve papel determinante na economia. No nosso caso, mantemos esse nível de excelência a partir de um trabalho sério e diuturno, calcado em atualização constante, em modernização. Os números comprovam o que a gente vê no campo: somos uma potência", define o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Menequette.

Entre as entidades rurais do Estado, a percepção é a mesma: a força da agropecuária é que mantém o desenvolvimento das cidades. Para o presidente do Sindicato Rural de Pitanga, **Luiz Carlos Zampier**, o setor primário é quem puxa as outras atividades na região.

"Nossa economia é baseada na agropecuária. A indústria é incipiente e os serviços não representam tanto assim. Então, a renda, o emprego e a sustentabilidade da região estão na produção agropecuária", diz. "A dependência que o comércio tem do campo é de 100%. Quando a agropecuária vai bem, os outros setores vão bem, a cidade vai bem também. Se o campo vai mal, a cidade padece", completa.

O presidente do Sindicato Rural de Ivaiporã, **Lourival de Góes**, destaca ainda outros dois aspectos: a importância que a agropecuária tem para garantir renda a pequenos produtores e o grau de especialização que a atividade vem atingindo, mesmo nas propriedades menores. "A gente está no nível atual porque a agropecuária tem se desenvolvido de uma forma muito profissional em todo o Estado. Isso gera renda para todos, do pequeno ao grande produtor", aponta.





desse segmento. Quando o agronegócio vai bem no Estado, já é meio caminho andado", avalia Júlio Suzuki, diretor de pesquisa do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico Social (Ipardes).

Outro ponto que chama a atenção, na leitura de Suzuki, é que o agronegócio possui uma resiliência maior comparado a outros setores da economia. "Não é que o agronegócio passa incólume a crises, mas acaba se firmando como um ponto fora da curva em momentos de dificuldade, como na crise dos últimos anos. Muito disso ocorre porque é uma área que possui relações comerciais com o mundo todo. O grau de desenvolvimento que se atingiu na agropecuária paranaense é bastante elevado. Hoje os produtores têm a co-

mercialização garantida de sua produção, justamente porque a comercializamos para fora", completa.

O professor da FAE Business School e da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Eugênio Stefanelo compartilha da afirmação de que o agro é o principal responsável por, da crise de 2014 para cá, a economia do Paraná, de forma geral, ter se saído pouco melhor que a média brasileira. "No Estado praticamente 4 milhões de pessoas dependem das atividades agropecuárias para ganhar a vida, equivalente a 35% da população. Eu posso dizer claramente que pelo menos 350 municípios do Paraná dependem muito do setor primário. E nesses, o desempenho do comércio e dos serviços depende, fundamentalmente, do que acontece no setor primário e no restante da cadeia do agronegócio", avalia.

Neste cenário, os municípios hoje precisam aproveitar a janela de oportunidade de arrecadação com o agronegócio para promover investimentos em políticas públicas de diminuição de desigualdades, de acordo com Lucas Dezordi, sócio da Valuup e economista-chefe da Trivèlla M3 Investimentos. "O agronegócio está ficando cada vez mais intensivo. Então, naturalmente, se cria uma certa concentração de renda em alguns casos. É importante que essa arrecadação gerada pela atividade, principalmente aquela repassada a municípios, seja aplicada para políticas sociais, seja na educação ou oportunidades de trabalho para quem vive nessas cidades", pontua.



Ainda segundo Ricardo Kureski, professor do curso de Ciências Econômicas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), ocorre no campo uma sinergia entre pequenos e grandes setores do agro, fator que também deve ser considerado. "A produção do agronegócio possui cadeias produtivas interligadas entre o produtor e a indústria. Os pequenos e médios produtores trabalham em cooperação com o grande do agronegócio como, por exemplo, a avicultura paranaense. Assim, é positiva a participação expressiva do agronegócio na economia de pequenos municípios, na geração de emprego e renda e no pagamento de impostos, que podem ser revertidos para a melhoria da qualidade de vida da população", ratifica.

Profissionalização determina o desempenho do setor

A parede do escritório da propriedade rural da família Petrasse está forrada com certificados de cursos. Ao longo dos anos, os integrantes do clá se acostumaram a frequentar todas as capacitações do SENAR-PR que pudessem contribuir com o desenvolvimento da atividade - de cursos de tratorista e de culinária a programas como o Empreendedor Rural (PER) e o Mulher Atual.

"Praticamente todos os cursos que foram oferecidos pelo Sindicato Rural [de Ivaiporã, unidade a que Ariranha do Ivaí está vinculada], a gente fez. Conhecimento e profissionalização são muito importantes. A gente não pode ficar para trás", diz Rita de Cássia.

O PER, aliás, ajudou a família a definir os rumos da propriedade. Há dois anos, eles também se dedicavam à pecuária leiteira, com produção de dois mil litros por dia. A partir do programa, os Petrasse chegaram à conclusão que a atividade não era viável do ponto de vista econômico. "Os custos de produção eram muito altos e o produto não conseguia preço. Estava ruim para o leite. A gente decidiu ficar só na soja", recorda José Carlos.

Responsáveis por oferecer as capacitações a partir de parcerias com o SENAR-PR, os sindicatos rurais também atestam a importância dos cursos para a consolidação da força da agropecuária, principalmente em municípios menores, que demandam de mão de obra especializada.

"Os cursos do SENAR-PR, na minha visão, são fundamentais ao homem do campo, para desenvolver funcionários, deixar pessoas mais qualificadas na fazenda. É um custo barato e que o pro-

dutor consegue formar um profissional na sua fazenda, no seu sítio", ressalta o presidente do Sindicato Rural de Ivaiporã. Lourival de Góes.

Em Pitanga, o Sindicato Rural oferece, em média, 160 cursos do SENAR-PR por ano. A cada dia, tem pelo menos uma capacitação sendo realizada na cidade. Para o presidente da entidade, Luiz Carlos Zampier, isso tem se traduzido no aumento da eficácia e da produtividade da região.



"Esse interesse pelos cursos vem provocando a profissionalização do produtor, da família e dos funcionários da propriedade. Como resultado, ele obtém a melhora de sua criação, a eficácia dos processos na propriedade e isso tem gerado ótimos resultados. Em comparação com outros setores da economia, o produtor rural tem se profissionalizado mais", analisa Zampier.

Participação média nos municípios de cada setor no VAF - 2018

Descrição	Participação média (%)
V.A. Produção Primários	52,3
V.A. Indústria	22,3
V.A. Comércio	25,2
Recursos/Autos	0,02

Fonte: SEFA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP





Genuinamente brasileiro



Gurgel, um nome reverenciado por muitos no Brasil, é a síntese do sonho de uma montadora totalmente nacional. Enquanto muitos países, alguns tão pequenos quanto os menores Estados brasileiros, possuem suas próprias marcas, o Brasil ainda se ressente da falta de um fabricante de automóveis de capital e origem nacionais. João Augusto Conrado do Amaral Gurgel era um dos brasileiros que desejavam ver uma marca nacional estampada em veículos feitos em solo pátrio, oferecendo ao consumidor um produto de qualidade. Assim comecou o sonho de Gurgel.

Desde jovem, João sempre sonhou com um carro nacional. E a partir desta ideia, ele entrou na Escola Politécnica de São Paulo. Quando se formou, o jovem Gurgel já mostrou que queria materializar seu objetivo com um protótipo de automóvel com motor de dois cilindros, chamado de Tião. Este pode ser considerado o primeiro de muitos carros que João fabricaria nos anos seguintes. O projeto foi um desafio para o formando, que recebeu de seu professor uma dica nada agradável: "Carro não se fabrica, se compra".

Logo depois, Gurgel foi para os Estados Unidos, onde trabalhou na Buick e na GM Truck and Coach. Em seu retorno, abriu a Moplast Moldagem de Plásticos, a fim de abastecer a cadeia de autopeças brasileira e desenvolveu alguns projetos, especialmente os relacionados com carrocerias de fibra de vidro. O tempo passou e Gurgel começou a produzir miniveículos para crianças, *karts* e alguns protótipos de carros elétricos. Com a ideia fixa de fabricar automóveis, em 1969, ele funda a Gurgel Motores S/A, em Rio Claro, no interior de São Paulo.

A primeira aparição pública de um produto Gurgel ocorreu em 1966, anos antes de iniciar a empresa de fato. Foi no Salão do Automóvel com um bugue feito sobre mecânica Volkswagen, chamado Ipanema. Outro modelo criado foi o utilitário Xavante XT, cuja produção começou em 1970. Ao contrário do anterior, era fabricado com chassi de aço tubular e plástico feito pela própria empresa, além de carroceria de fibra de vidro, que seria o material mais usado pela recém-criada montadora brasileira ao longo de sua história.

Veículos elétricos

Gurgel sempre pensava além de sua época. Os veículos elétricos eram uma prova de que no futuro este segmento alcançaria níveis mundiais. Em 1974, Gurgel criou o modelo Itaipu, cujo nome era uma homenagem à maior hidrelétrica do mundo na ocasião. O veículo originou, em 1980, o E400, que também derivou o G800 a gasolina.

Com a Crise do Petróleo, Gurgel deu ênfase ao projeto dos elétricos, mas não podia deixar os carros a gasolina de lado. O projeto Xavante obrigou o Exército Brasileiro a testá-lo. Logo depois surgiu o X-12, com partes da estrutura em plástico reforçado com fibra de vidro, dando assim leveza ao conjunto, aliado à boa mecânica Volkswagen, fez do utilitário um sucesso.

O Exército Brasileiro encomendou um grande lote e o mercado aceitou bem o Xavante X-12. Com as restrições à importação de veículos a partir de 1976, a Gurgel ganhou grande impulso nas vendas, pois havia pouca concorrência para seus produtos.

Com a mudança para uma fábrica maior em Rio Claro, feita em 1973, a Gurgel Motores avançou mercado brasileiro adentro. Em 1976, lançou o Xavante X-12 TR, que tinha uma garantia de 100 mil quilômetros, algo impensável na época. Logo depois, a empresa passou a ser o primeiro exportador de veículos especiais do Brasil, ganhando notoriedade no exterior.

Fim do sonho

Em 1990, o governo Collor isentou os carros com motor abaixo de 1.0 litro de pagar IPI. Assim, as montadoras estrangeiras presentes no Brasil imediatamente lançaram carros com esse tipo de motorização e com preços menores.

Para piorar a situação da Gurgel, o Muro de Berlim foi derrubado, o que liberou finalmente a importação de automóveis, fazendo com que o Lada ficasse mais barato que os utilitários da Gurgel.

Aliado a isso, uma greve de funcionários da Receita Federal atrasou a chegada de componentes da Argentina e a produção da Gurgel caiu drasticamente de 1991 para 1992, o que arruinou as finanças da empresa. Em 1993, a Gurgel Motores S/A pediu concordata.

No ano seguinte, o proprietário pediu um empréstimo de 20 milhões de dólares para manter a fábrica, mas o governo recusou e a falência foi decretada. Apesar disso, a empresa recorreu e ainda manteve a produção até 1996, produzindo 130 veículos no período.

O fim da Gurgel foi um duro golpe para o proprietário. A empresa deixou dívidas de mais de R\$ 280 milhões e uma fábrica que foi arruinada por vândalos e grande número de furtos de peças de maquinário e veículos. A instalação foi leiloada por R\$ 16 milhões em 2007 para pagamento de dívidas trabalhistas, ficando ainda um restante de R\$ 4 milhões.



Jovens celebram aprendizado com gincana

Dezoito turmas do programa JAA participaram de "O Desafio", em Barbosa Ferraz, no Noroeste do Paraná



Quase 300 alunos do programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) levaram o conhecimento para a prática e de forma lúdica, em Barbosa Ferraz, cidade do Noroeste do Paraná. Eles participaram da gincana técnica "O Desafio", na qual testaram seu aprendizado por meio de provas específicas, que ajudaram a consolidar o conhecimento compartilhado em sala de aula. De quebra, o evento estimulou habilidades sociais, como trabalho em equipe, delegação de funções e comunicação.

O evento "O Desafio" ocorreu ao longo do dia 29 de junho – das 7 horas às 17 horas –, na Escola Municipal de Atividades Complementares José Arno Turke. Os participantes eram provenientes de 18 turmas do JAA, de 11 cidades da região. Os alunos se dividiram entre três módulos do programa: "Preparando para a Gestão", "Mecanização Agrícola" e "Pecuária Leiteira".

"É uma gincana de conhecimento, em que reunimos instrutores, alunos e ex-alunos do JAA. É um evento em que avaliamos todo o conteúdo do programa, como houve a assimilação do conteúdo, como os alunos estão se compor-

tando. Os resultados têm sido incríveis", define a pedagoga Regiane Hornung, do Departamento de Planejamento e Controle do SENAR-PR.

As provas da gincana se dividiram em duas partes. Em uma delas, estavam os desafios comuns às equipes de todos os módulos, como a "Prova dos Lacres" (em que ganhava mais pontos quem juntasse o maior volume de lacres de latas de alumínio), a "Prova da Frequência" (com pontuação para as turmas em que os alunos somaram menos faltas ao longo do curso) e a "Prova de ex-JAAs" (que previa pontos para quem levasse ao evento mais ex-alunos do programa).

"'O Desafio' não ocorre só no dia da gincana, mas começa desde que eles entram no programa. Tem pontuação para as turmas que faltam menos, que têm menos desistências. E a 'Prova do Lacre', que os alunos fazem a arrecadação ao longo de todo o programa", explica João Carlos Gonçalves, instrutor do JAA, do módulo "Mecanização Agrícola". Outros seis instrutores também participaram do evento.

Na outra sessão, os participantes executaram provas específicas, de acordo com as disciplinas dos módulos que cada um cursou. Os alunos de "Mecanização", por exemplo, passaram por testes específicos, como a "Prova dos Componentes de Motores" e a "Prova do Paquímetro". Quem cursou "Pecuária Leiteira", teve desafios como "Casqueamento" e "Teste de Mastite". No módulo "Gestão", havia provas de "Demarcação de Lotes" e "Cálculo de Pulverização", entre muitas outras.

Tudo feito de forma dinâmica e em equipe, o que estimula os alunos do JAA a trabalharem em grupo, a negociar a melhor solução, a instituir lideranças e a delegar funções. "As provas são um incentivo para que eles demonstrem na prática o que viram em sala de aula. O que a gente coloca no curso, eles demonstram na gincana", ressalta Gonçalves. "A gente joga as responsabilidades e eles resolvem de forma coletiva, trabalhando em equipe, exercitando habilidades sociais. Um depende do outro", completa.

Resultados

No módulo "Preparando para a Gestão", a turma vencedora foi a "Kaloré – Tarde". No "Mecanização Agrícola", quem se saiu melhor foi "São João do Ivaí". Já em "Pecuária Leiteira", a vencedora foi "Campina da Lagoa – Tarde". Todos receberam troféus e medalhas.

A gincana contou com a presença dos prefeitos de Kaloré, Washington Luiz da Silva, e Barbosa Ferraz, Edenilson Aparecido Miliossi, além de secretários municipais e diretores de escolas de todos os municípios das turmas do JAA.

Outro aspecto positivo de "O Desafio" foi o estímulo à responsabilidade social. Com o dinheiro levantado com a venda dos lacres arrecadados e em outras atividades, os alunos compraram três cadeiras de rodas e quatro cadeiras de banho, que foram doadas a instituições das cidades das turmas que venceram a disputa em cada módulo.

"A gincana já é uma tradição na regional de Campo Mourão [da qual Barbosa Ferraz faz parte]. Todos os anos, temos um ótimo aproveitamento, com resultados muitos positivos dos alunos quanto a conhecimento, comportamento e disciplina", avalia Regiane.

JAA

O programa JAA foi criado pelo SENAR-PR em 2005 com objetivo de fortalecer os vínculos da juventude com o campo. Foi concebido como forma de complemento à educação formal, com foco na atividade profissional, criando condições de permanência no campo e reduzindo assim o êxodo rural.

Voltado a jovens entre 14 e 18 anos, o programa é dividido em duas etapas. A primeira (com 144 horas de atividades) aborda às competências necessárias à gestão do agronegócio, trabalhando questões como comunicação, liderança, trabalho em equipe, entre outros conteúdos. Na segunda (com duração entre 80 e 96 horas), são levados em conta aspectos específicos de uma atividade rural, de acordo com o módulo escolhido pelo aluno.



A turma de São João do Ivaí foi campeã no módulo "Mecanização"



Cidades participantes de "O Desafio":

Astorga (duas turmas), Bom Sucesso (uma turma), Mamborê (duas turmas), Kaloré (duas turmas), Boncador (duas turmas), Janiópolis (uma turma), Rancho Alegre do Oeste (uma turma), São João do Ivaí (duas turmas), Ubiratã (duas turmas), Bom Sucesso (uma turma) e Campina da Lagoa (duas turmas).

Aposta na honestidade

Iniciativas empreendedoras de ex-alunos do SENAR-PR comprovam que vale a pena confiar no ser humano



Confiando na boa índole dos clientes, Kombi da Honestidade deixa produtos à venda, mas sem vendedor

Por André Amorim

Vale a pena apostar na honestidade das pessoas? Esta pergunta foi feita a dois ex-alunos do SENAR-PR, que nas últimas semanas se notabilizaram por confiarem totalmente na sua clientela, a ponto de deixar seus produtos para comercialização expostos sem nenhuma vigilância, confiando apenas na boa índole dos fregueses.

No distrito de Água Boa, no município de Doutor Camargo, região Noroeste do Paraná, a produtora e engenheira-agrônoma Virlene Jardinetti montou uma barraca à beira da estrada onde os fregueses se servem dos produtos disponíveis (doces, geleias, conservas, etc.). Após a escolha, deixam o dinheiro da compra em uma caixa, onde pegam o troco se for necessário.

Desde que iniciou esta atividade, há pouco mais de três meses, a produtora não registrou nenhum caso de furto, ou vandalismo. Pelo contrário, na caixinha de sugestões vive cheia de mensagens de boa sorte e felicitações pela iniciativa.

Segundo Virlene, a opção pelo autoatendimento se deu frente à impossibilidade de ter uma pessoa dedicada às vendas em tempo integral. "Comecei produzindo alguns doces, geleias e conservas com o excedente da nossa própria produção. Pensamos em comercializar aqui no sítio, daí surgiu a ideia de montarmos a barraquinha de autoatendimento na beira da estrada, em frente nossa porteira, acreditando na honestidade das pessoas, pois não temos tempo disponível para ficarmos lá por conta dos trabalhos no sítio", explica a produtora, que agora estrutura a criação de atrativos para explorar também o turismo rural na propriedade.









Exemplo internacional

Quando questionada sobre a inspiração da sua Barraca da Honestidade, a produtora Virlene Jardinetti conta que esse tipo de sistema é mais comum em outros países, como os Estados Unidos.

De fato. Em 2014 durante uma viagem técnica promovida pela FAEP aos Estados Unidos e Canadá, com objetivo de conhecer o sistema produtivo nestes dois países, os produtores paranaenses conheceram uma barraca de autoatendimento no Estado americano de lowa.

Diferentemente daqui, no entanto, na versão americana uma câmera monitorava a movimentação dos fregueses, e durante a visita, foi informado que já foram constatados furtos de produtos.

Para conquistar estes sonhos, ela buscou o conhecimento do SENAR-PR. "Já fiz curso de derivados do leite, conservas, doces pastosos, horta orgânica e turismo rural", conta Virlene. O aprendizado se traduz em aromas e sabores que fazem sucesso com sua honesta clientela. A variedade é enorme: doce de leite, de banana, de abóbora, de mamão, de abacaxi com pimenta, cricri de laranja, bala de banana, geleia de laranja, de pimenta, de maracujá, conserva de pimenta, pepino, jurubeba.

"Com os cursos [do SENAR-PR] adquirimos conhecimento em áreas que até então não tínhamos, como na produção de doces, as técnicas de armazenamento, como manipular e processar os alimentos de forma correta, além das receitas. Também nos ajudou a enxergar as oportunidades de negócio a partir daquilo que dispomos", analisa a empreendedora, que já solicitou à mobilizadora do Sindicato Rural que atende seu

município para realizar a segunda etapa do curso de turismo rural. "Estamos estruturando, montando o sítio para o turismo rural, voltado para escolas, grupos de terceira idade, estudantes universitários. Também vamos preparar a documentação para certificação orgânica do sítio. Também teremos uma horta 'colha e pague' e futuramente um pomar", adianta a produtora.

Como só funciona durante os sábados, domingos e feriados, a Barraca da Honestidade, como vem sendo chamada, não tem impacto relevante na renda da família, pelo menos por enquanto. Porém, outro bem, muito mais valioso, é o reconhecimento e o carinho que vem recebendo da comunidade, que se expressa por meio de mensagens deixadas na caixa de sugestões. Na maioria das vezes, os bilhetes parabenizam a empreendedora e a qualidade dos doces, e em todas está o desejo de boa sorte nos negócios.



Corrente do bem

A Barraca da Honestidade da família da engenheira-agrônoma Virlene inspirou outra proposta semelhante no Estado. No final de maio, foi colocada na estrada a Kombi da Honestidade, iniciativa da Associação dos Produtores do Turismo Rural de Japurá (Aprotur), que funciona no sistema "peque e pague", tudo na base da confiança.

"A Kombi fica em um ponto, o pessoal vai de manhã organiza, por volta do meio-dia alguém da associação confere se é necessário repor algum produto, colocar mais troco e aí no final da tarde retornamos", explica o produtor rural e presidente da Aprotur, Claudinei Rigo.

Dentre os produtos comercializados estão frutas, hortaliças, conservas, doces e uma infinidade de opções. Tudo é doado por produtores associados e/ou por pessoas que se sensibilizam com a iniciativa. Toda a renda obtida com as vendas é direcionada à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Japurá.

Segundo Rigo, nos primeiros quatro dias em que a Kombi esteve aberta ao público a venda dos produtos rendeu mais de R\$ 1,5 mil. O valor é cerca de 30% maior do que deveria ser o arrecadado com a comercialização. "Descobrimos que o pessoal doou o troco também", explica.

Nesta primeira incursão, a Kombi ficou estacionada em um ponto da BR-467, que liga Japurá a São Carlos do Ivaí, em frente à Associação Banco do Brasil. "Vamos variar o local, como em uma rodovia em frente à [cooperativa] Cocamar e dentro do município, perto de uma feira agropecuária", detalha o dirigente da associação.

O SENAR-PR faz parte desta história. Ex-aluno do Programa Empreendedor Rural (PER), Rigo conta que experimentou grandes mudanças após participar da capacitação. "Na parte de organização, planejamento, é tudo anotado, conferido produto por produto. O [programa] Empreendedor Rural fez com que eu entendesse que vale a pena levar tudo na ponta da caneta", recorda.

Assim como no caso da barraca de Doutor Camargo, os fregueses da Kombi passaram no teste da honestidade. "Vale a pena [confiar nas pessoas]. Estamos até emocionados. Ouvimos falar tanto da cultura brasileira, que o brasileiro é isso, é aquilo, mas não tivemos nada de vandalismo, furto. Só coisa positiva. Isso faz com que a gente se anime e acredite no nosso povo", reflete Rigo.



Defesa consciente

A segurança do homem do campo sempre foi uma das preocupações que nortearam o Sistema FAEP/SENAR-PR. Há 24 anos, na edição de maio de 1995, o Boletim Informativo destacou que o SENAR-PR havia sido reconhecido pela Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) como um modelo para o Brasil, levando em conta o programa de cursos oferecidos para capacitar a mão-de-obra na aplicação correta de defensivos agrícolas.

Na ocasião, o curso voltado aos defensivos tinha acabado de completar um ano, mas já era apontado como exemplo, por sua excelência na formação de trabalhadores do campo.

Desde então, o curso passou por atualizações e se modernizou, acompanhando o mercado e as normas técnicas que regem o setor, em respeito ao meio ambiente. E a preocupação com a saúde dos trabalhadores e a conservação ambiental continuam com enorme importância. Tanto que, no ano passado, o curso "Trabalhador na Aplicação de Agrotóxico" foi a formação mais requisitada entre os mais de 250 cursos disponibilizados pelo SENAR-PR. Mais de 500 turmas foram formadas em 2018.

Paralelamente, o SENAR-PR oferece alternativas ao controle de doenças, como o Manejo Integrado de Pragas (MIP). A técnica é disseminada desde 2012 pelo SENAR-PR em que os próprios organismos presentes na lavoura — insetos, fungos e bactérias — são usados para combater pragas que causam prejuízos econômicos à produção.

Foco nos pequenos produtores

No dia 25 de junho, na sede do Sebrae-PR, representantes do Sistema FAEP/SENAR-PR, Sebrae-PR e Fetaep estiveram em reunião para alinhar um novo projeto, visando o atendimento de pequenos produtores do Paraná. A proposta é ofertar capacitações técnicas e consultoria na parte de gestão aos agricultores e pecuaristas. O projeto deve começar pelo setor de hortifrútis e, posteriormente, atender demandas de toas as atividades e culturas do Estado.



Evento de turismo rural em Rio Negro

O 1º Encontro dos Empreendedores do Turismo Rural de Rio Negro, realizado no dia 25 de junho, reuniu centenas de profissionais da área e produtores rurais para identificar as potencialidades na área. A partir da discussão, algumas métricas foram estabelecidas para nortear as próximas ações. O município conta com a parceria do sindicato rural local e do SENAR-PR na capacitação dos produtores interessados em implantar a atividade e sua propriedade.



50 anos do Sindicato de Arapongas

O presidente do Sindicato Rural de Arapongas, José Mendonça, recebeu das mãos do supervisor do SENAR-PR Umberto Valentini Neto o quadro comemorativo pelos 50 anos da entidade. O Sindicato está passando por uma importante transformação, por meio do Programa de Sustentabilidade Sindical da FAEP, para oferecer ainda mais serviços aos associados e produtores.

Reunião do Nunorte

Os membros do Núcleo do Norte do Paraná (Nunorte) estiveram reunidos, no dia 4 de julho, no CTA de Ibiporã, para debater temas do agronegócio da região, como os detalhes do Plano Agrícola e Pecuário, lançado no dia 18 de junho. Ainda, na ocasião, Eleutério Czomei, do Departamento Jurídico da FAEP, realizou uma palestra sobre e-Social, enquanto João Lázaro, do Departamento Sindical, falou sobre Lideranca Sindical.



Suínos e aves: demanda aquecida no mercado internacional

Brasil registrou 100% de crescimento na exportação de suínos e 18% no embarque de aves. Setores esperam ritmo firme no segundo semestre

Por Antonio C. Senkovski

O mercado de suínos e aves, depois de passar por momentos de instabilidade nos últimos dois anos, vive agora um cenário de perspectivas positivas. Em junho, o Brasil embarcou 55,7 mil toneladas de suínos e 357,74 mil toneladas de aves para outros países, aumento de 100% e de 18%, respectivamente, na comparação com o mesmo mês de 2018. Em termos financeiros, a suinocultura movimentou 128,1 milhões de dólares e a avicultura totalizou 581 milhões de dólares. Os dados são do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).

No acumulado de janeiro até junho deste ano, a suinocultura do Brasil vendeu ao exterior 247,4 mil toneladas, ante 207,8 mil toneladas em 2018 (+19%). No caso do frango, no mesmo período, foram 1,55 milhão de toneladas, ante 1,49 milhão de toneladas no ano passado (+3,62%).

A China é um dos grandes destaques nessa relação comercial que tem gerado esses números positivos. No frango, por exemplo, o gigante asiático foi responsável pela compra de 18% de todo o produto do Brasil.

Jacir Dariva, presidente da Associação Paranaense de Suinocultura, projeta um período de mais 12 meses de pressão positiva na produção brasileira de suínos, principalmente pelo efeito China. "É a hora de o produtor repor os prejuízos, que foram terríveis nos últimos 20 meses. Com os problemas que a China vem registrando com a peste suína, com abates antecipados dos animais para evitar perdas maiores e, até mesmo, a eliminação de matrizes, isso vai gerar reflexos positivo para o Brasil. Acredito em uma demanda forte", avalia.

Além disso, no segundo semestre há um fator doméstico a mais que influencia na dinâmica do mercado de suínos. "Temos um panorama bem ajustado de oferta e demanda. E nos próximos meses há a preparação para as festas de fim de ano. Os frigoríficos já começam a trabalhar nos cortes especiais, e o mercado externo também querendo comprar carne. Algo que, até certa altura, resulta em uma pressão na cotação. Mas é algo a ficar atento, porque se for pensar bem, nós brasileiros já não temos muita carne para vender para fora", aponta Dariva.

Edmar Gervásio, técnico do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Agricultura e Abasteci-



mento do Paraná (Seab), ratifica que o grande fator de influência no caso da suinocultura é esse aumento da demanda por parte da China. "Nos suínos, possivelmente vamos ter um aumento até 20% nas exportações saindo do Paraná, dependendo da movimentação do mercado. Nesse ano, vamos superar tranquilamente a marca das 100 mil toneladas e, quem sabe, bater próximo das 150 mil", estima. Para termos de comparação, no ano passado o Paraná exportou 107 mil toneladas de carne suína.

O aumento da demanda chinesa mexe com o ajuste de oferta e demanda internos, além de ter um efeito sobre outros setores de proteína animal. "No mercado doméstico, a diminuição do estoque pressiona os preços e acaba desencadeando uma redução da disponibilidade para o varejo, que fica com estoque limitado e toda a cadeia traz





"É a hora de o produtor repor os prejuízos, que foram terríveis nos últimos 20 meses"

Jacir Dariva, presidente da Associação Paranaense de Suinocultura

essa recuperação de preços", explica Gervásio. "A parte de aves, por exemplo, tem a mesma tendência, uma expectativa de crescimento nas exportações de mais de 5%", pontua.

Aves

Na avicultura paranaenses, a estimativa é um aumento em 5% nas exportações neste ano. "O mercado internacional está altamente favorável ao frango paranaense. Somos os maiores exportadores, respondemos por 38% de todas as aves exportadas pelo país. Com as viagens que têm sido feitas pelo governo federal para vender nossos produtos lá fora, estamos com a possibilidade de habilitar novas plantas. Um total de 28 no Brasil e cerca

de 14 no Paraná", revela Domingos Martins, presidente do Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do Paraná (Sindiavipar).

Esse possível aumento na procura não traz preocupação para a avicultura paranaense. Martins reforça que o setor está preparado para esse aumento de produção. "Em termos de produção, apostamos em um crescimento de 6%, em uma situação em que há previsão de estagnação do PIB. A indústria brasileira está estagnada, mas o agronegócio, não. Temos no mínimo uns cinco anos pela frente de um crescimento sustentável na avicultura. Além do natural, pelo aumento da nossa população. Isso também será puxado pelo mercado externo, onde nós ocupamos cada vez mais espaço, pela qualidade, capacidade produtiva, alinhamento de produção e verticalização na integração", enumera.



Boas perspectivas, mas com cautela

Confira um panorama sobre a conjuntura aos próximos meses para frango e suíno na entrevista com a pesquisadora do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da USP, Maristela de Mello Martins.

BI: Quais as expectativas para avicultura e suinocultura para os próximos meses nos mercados interno e externo?

MM: As exportações de carnes de frango e suína devem continuar aquecidas, principalmente para atender ao mercado chinês. Como ambas as cadeias escoam parcela significativa da produção ao front externo, é o desempenho das exportações que ditará o ritmo no mercado doméstico.

Atualmente, a velocidade das vendas tem sido superior a produção. Consequentemente, os preços no mercado doméstico estão se elevando, alterando a competitividade entre as proteínas. Apesar de a atual situação gerar expectativas positivas aos produtores, eles estão comedidos quanto aumentar a produção. Vale lembrar que 2018 foi bastante difícil para avicultores e suinocultores, o que gera cautela nas cadeias. Apesar de neste ano o preço recebido pelos produtores estar maior, muitos deles estão pagando dívidas contraídas no ano passado, o que limita novos investimentos. Nesse sentido, espera-se que os preços no mercado doméstico continuem em patamares maiores do que os registrados em 2018. Para as indústrias que não são habilitadas para exportar, os valores mais altos podem reduzir a liquidez das carnes no Brasil.

Nos últimos meses, quais os principais fatores que têm influenciado na melhora/piora do cenário para essas duas cadeias?

A melhora observada nas cadeias de suínos e aves nos últimos meses está bastante atrelada ao problema sanitário enfrentado pela China. Os casos de Peste Suína Africana [PSA] no país têm refletido na redução do rebanho de suínos e, consequentemente, na menor produção da proteína. Nesse cenário, os chineses estão aumentando o volume de importações de carnes para poder suprir parte da queda na produção doméstica. Vale lembrar que a carne suína é uma das proteínas mais consumidas na China, que tem uma população gigantesca, demandando um grande volume.

O Brasil, que é um dos principais produtores e exportadores de carnes, tem se beneficiado desse contexto. Neste ano, a China se tornou a maior importadora da carne suína e de frango brasileiras [tradicionalmente as vendas da proteína avícola tinham como principal destino a Arábia Saudita]. Além de os chineses ampliarem o volume das importações, eles estão pagando mais pela proteína oriunda do Brasil.

O ritmo aquecido das exportações tem impulsionado os preços ao longo das cadeias, do pintainho até os cortes de frango e do leitão até os cortes de suíno.



Quais são os principais aspectos merecem atenção e podem influenciar as cadeias de aves e suínos nos próximos meses?

O mercado externo tende a continuar contribuindo positivamente para o desempenho das cadeias. A recuperação do rebanho chinês não deve ser tão rápida, uma vez que os suinocultores locais têm receio de que o vírus da PSA possa acometer os animais novamente. Além disso, o acordo de livre comércio firmado entre o Mercosul e a União Europeia é importante no sentido de diversificar os destinos que recebem a carne brasileira.

De janeiro a junho, as exportações de carne suína com destino à China representaram 25% do total. Se consideradas as vendas feitas para Hong Kong, esse percentual chega a 48%. Para a carne de frango, os percentuais são de 13% e 17%, respectivamente. Essa forte concentração das vendas para os mercados asiáticos, principalmente para a carne suína, é um fator que merece atenção por parte agentes. Quanto mais pulverizadas as exportações, menores são as chances de o Brasil ser fortemente impactado pela suspensão/redução dos embarques para um único destino. Além disso, os agentes que atuam na avicultura e na suinocultura precisam delinear estratégias de longo prazo quanto ao escoamento, uma vez que o impulso das compras chinesas, devido aos casos de PSA, deve se dissipar conforme a produção for se normalizando.

Um outro fator que demanda atenção por parte dos produtores e das agroindústrias é o custo de produção. Recentemente, as exportações de milho aumentaram com força, reduzindo a disponibilidade do grão no Brasil e elevando os preços. Segundo a Equipe de Grãos do Cepea, a expectativa é de que os embarques ao front externo continuem aquecidos, uma vez que o cereal brasileiro está mais competitivo do que o norte-americano e o argentino. Além disso, há a possibilidade de que o desenvolvimento das lavouras de milho nos Estados Unidos seja prejudicado por conta do clima adverso.

Conselho dos produtores de cana-de-açúcar do Estado do Paraná / CONSECANA-PR

RESOLUÇÃO Nº 04 - SAFRA 2019/2020

Os Conselheiros do Consecana-Paraná, reunidos no dia 27 de junho de 2019, na sede da Alcopar, na cidade de Maringá, atendendo aos dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprovam e divulgam o preço do ATR realizado em junho de 2019 e a projeção atualizada do preço da tonelada de cana-de-acúcar básica para a safra de 2019/2020, que passam a vigorar a partir de 01 de julho de 2019.

Os preços médios do Kg do ATR, por produto, obtidos no mês de junho de 2019, conforme levantamento efetuado pelo Departamento de Economia Rural e Extensão da Universidade Federal do Paraná, são apresentados a seguir:

PREÇO DO ATR REALIZADO EM JUNHO DE 2019 - SAFRA 2019/20 (PREÇOS EM REAIS À VISTA) PRECO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

PRECO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

3	,				
Produtos	Mês		Acum	ulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço	
AMI	1,91%	51,84	1,42%	50,26	
AME	28,28%	47,92	29,65%	52,30	
EAC - ME	1,83%	1.975,69	0,88%	2.029,24	
EAC - MI	32,88%	1.827,99	21,27%	1.895,31	
EA - of	0,06%	1.965,77	0,03%	1.978,19	
EHC - ME	0,00%	-	0,00%	-	
EHC - MI	34,44%	1.629,57	45,97%	1.694,20	
EH - of	0,60%	1.776,44	0,77%	1.764,07	
obs: EAC - ME + MI + of	34,77%	1.835,98	22,19%	1.900,76	
EHC - ME + MI + of	35.04%	1.632.10	46.74%	1.695.36	

THE GO ENGOIDO DO ATILITORI THODOTO				
Produtos	Mês		Acum	ulado
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	1,91%	0,5878	1,42%	0,5698
AME	28,28%	0,5455	29,65%	0,5954
EAC - ME	1,83%	0,6951	0,88%	0,7139
EAC - MI	32,88%	0,6431	21,27%	0,6668
EA - of	0,06%	0,6916	0,03%	0,6960
EHC - ME	0,00%	-	0,00%	-
EHC - MI	34,44%	0,5983	45,97%	0,6221
EH - of	0,60%	0,6523	0,77%	0,6477
Média		0,6001		0,6240
obs: EAC - ME + MI + of	34,77%	0,6459	22,19%	0,6687
EHC - ME + MI + of	35.04%	0.5993	46.74%	0 6225

PROJEÇÃO DE PREÇO DA CANA-DE-AÇÚCAR - MÉDIA DO PARANÁ - SAFRA 2019/20 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

PRECO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mix	Média
AMI	0,31%	50,26
AME	39,08%	52,12
EAC - ME	0,19%	2.029,24
EAC - MI	19,47%	1.875,20
EA - of	0,01%	1.978,19
EHC - ME	0,00%	-
EHC - MI	40,77%	1.665,68
EH - of	0,17%	1.764,07

PRECO	LÍQUIDO	חח	ATR	POR	PRODUTO
IIILYU	LIGUIDO	DU	AIII	1 011	11100010

Produtos	Mix	Média
AMI	0,31%	0,5698
AME	39,08%	0,5933
EAC - ME	0,19%	0,7139
EAC - MI	19,47%	0,6597
EA - of	0,01%	0,6960
EHC - ME	0,00%	-
EHC - MI	40,77%	0,6116
EH - of	0,17%	0,6477
Média		0,6140

PROJEÇÃO DO PREÇO DA CANA BÁSICA R\$/TON 121,9676 Kg ATR

	САМРО	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	67,05	74,89
PIS/COFINS	-	-
TOTAL	67,05	74,89

Maringá, 27 de Junho de 2019

DAGOBERTO DELMAR PINTO / Presidente ANA THEREZA DA COSTA RIBEIRO/ Vice-presidente



PALOTINA

MANEJO E ORDENHA

Um grupo de 11 alunos do curso de Medicina Veterinária da UPPR participou do curso "Trabalhador na Bovinocultura de Leite - Manejo e Ordenha", entre os dias 10 e 12 de abril. O curso promovido pelo Sindicato Rural de Palotina teve Euler Marcio Ayres Guerios como instrutor.



CAMPINA DA LAGOA

AGRINHO

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa organizou um curso do Programa Agrinho, no dia 22 de abril. A instrutora Aline Loise Martins repassou o histórico, metodologia e regulamento do programa a 17 professoras da região.



ANDIRÁ

TURISMO RURAL

O instrutor José Rivaldo dos Santos capacitou 16 alunos ao longo do curso "Trabalhador em Turismo Rural", nos dias 13, 14 e 15 de maio. O Sindicato Rural de Andirá foi o responsável por organizar o evento.



IVAÍ

TRATORISTA AGRÍCOLA

No dia 18 de maio aconteceu o curso "Tratorista Agrícola - Operação de Implementos - Semeadeira e Plantadeira", promovido pelo Sindicato Rural de Ivaí e a Fazenda Rickli. O instrutor José Augusto Adaghinari Olzewski capacitou 10 pessoas.



ORTIGUEIRA

PRIMEIROS SOCORROS

O Sindicato Rural de Ortigueira organizou o curso "Trabalhador na Segurança no Trabalho - Primeiros Socorros", nos dias 20 e 21 de maio. Um grupo de 12 alunos participou das aulas com o instrutor Marcelo Silveira dos Santos.



SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

CONSERVAÇÃO DE FRUTAS E HORTALIÇAS

Um grupo de 14 pessoas participou do curso "Produção Artesanal de Alimentos - Conservação de Frutas e Hortaliças, nos dias 20 e 21 de maio. O treinamento coordenado pela instrutora Joelma Kapp foi organizado pelo Sindicato Rural de São José dos Pinhais e Igreja Campina do Taquaral.



JAGUAPITÃ

BÁSICO EM MANDIOCA

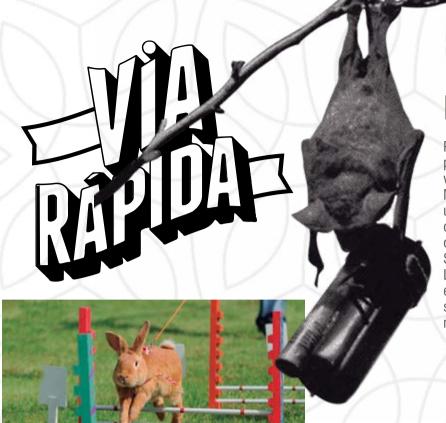
O Sindicato Rural de Jaguapitã promoveu o curso "Produção Artesanal de Alimentos- Beneficiamento e Transformação Caseira de Mandioca", nos dias 27 e 28 de maio. A instrutora Celeste de Oliveira Mello capacitou 14 pessoas.



CASCAVEL

BOVINO DE LEITE

Nos dias 21 e 22 de maio, o instrutor Euler Marcio Ayres Guerios foi o responsável pelas aulas no curso "Produtor de Bovino de Leite - Avaliação da Conformação Ideal de Vacas Leiteiras". A capacitação que envolveu 15 alunos foi organizada pelo Sindicato Rural de Cascavel e a Fundação Assis Gurgacz (FAG).



Bat-Bomba

Por mais estranho que isso possa parecer, não vai mudar o fato de ser verdadeira a história. Na 2º Guerra Mundial, os EUA desenvolveram um experimento com morcegos que carregavam bombas para determinados cantos das cidades. Segundo o desenvolvedor da ideia, Lytle Adams, os morcegos se escondem em lugares inacessíveis, são fortes e existem em abundância na natureza.

Kaninhop

O povo da Escandinávia tem um *hobby* diferente. Tratase de um campeonato de salto à distância de coelhos. Os bichos de estimação são treinados para saltar em um circuito com vários obstáculos. Esta competição chamada de kaninhop é realizada em toda a Europa.

Bactérias

- Existem mais bactérias na nossa boca do que pessoas no mundo;
- O ser humano tem cerca de 1,8 quilo de bactéria no corpo;
- Smartphones têm 18 vezes mais bactérias do que as maçanetas de banheiros;
- Bactérias também podem ser infectadas por vírus;
- A criatura mais forte do mundo é a bactéria da gonorreia.



Sem mosca, sem chocolate!

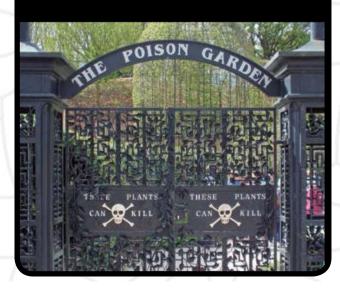
As moscas podem até incomodar, mas desempenham grande papel na polinização de plantas, sendo responsável por 19% desta função. O cacau, fruto-base do chocolate, é polinizado por moscas. Isso porque a flor do cacaueiro é menor e uma mosquinha pode muito bem fazer o trabalho de polinização.



Os ninjas tinham a habilidade de andar sorrateiramente para encurralar seus inimigos. Uma técnica muito usada para encobrir possíveis ruídos era o uso de grilos, principalmente quando estavam em lugares com neve ou com muita vegetação, pois o "cricrilar" ajudava a distrair seus rivais enquanto os ninjas se aproximavam.

Poison Garden

Existe um jardim na Inglaterra onde as plantas são extremamente tóxicas e muitas delas com capacidade de matar um ser humano. O Poison Garden ("jardim venenoso", em inglês) localizado na cidade de Alnwick atrai muitos turistas, que são recomendados a não cheirar ou tocar as plantas para não correrem riscos de intoxicação.

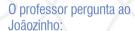




Abrindo garrafas de cerveja

As pessoas já aprenderam a abrir uma garrafa de cerveja dos jeitos mais inusitados possíveis. Mas você já viu usar um helicóptero (em pleno voo) como abridor de garrafas? Foi o que o chinês Zhao Yang fez em 2015, quando, em três minutos, conseguiu abrir seis garrafas e acabou entrando para o Guinness Book, o livro dos recordes.

Arroz e feijão



- Arroz é com S ou com Z?
 E o Joãozinho responde:
- Aqui na escola eu não sei, mas lá em casa é com feijão.





UMA SIMPLES FOTO



CURSO LIDERANÇA RURAL

Sistema FAEP/SENAR-PR, em parceria com o Sebrae-PR, oferece a capacitação para potencializar a atuação dos líderes rurais e fomentar o surgimento de novos protagonistas no campo.

Intessados em fazer o curso devem procurar o seu sindicato rural ou um dos escritórios regionais do SENAR-PR.

